

ENTRE RIO E CIDADE: UM OLHAR SOBRE O CRESCIMENTO DE COLATINA E O DECLÍNIO DO RIO DOCE

Data de submissão: 21/09/2023

Data de aceite: 02/10/2023

Naara Brum Oliveira

Centro Universitário do Espírito Santo -
UNESC
Colatina – Espírito Santo
<https://lattes.cnpq.br/1645257484159951>

Sérgio Miguel Prucoli Barboza

Centro Universitário do Espírito Santo -
UNESC
Colatina – Espírito Santo
<http://lattes.cnpq.br/2576606496979435>

Luciana Schaeffer

Centro Universitário do Espírito Santo -
UNESC
Colatina – Espírito Santo
<http://lattes.cnpq.br/0182997413169864>

anunciado após o desastre da mineradora Samarco no ano de 2015. O presente projeto de pesquisa “Entre Rio e Cidade: um olhar sobre o a história de Colatina e o declínio do Rio Doce”, se define com uma pesquisa bibliográfica e exploratória que tem como intuito enfatizar a necessidade urgente de cuidados ambientais para restaurar a relação de pertencimento do Rio Doce por parte da população urbana da cidade de Colatina ao longo de seu desenvolvimento. Os resultados destacam a importância de considerar questões ambientais na gestão urbana e no planejamento urbano.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura, Urbanismo, *Waterfronts*, Apropriação

RESUMO: O Rio Doce e a infraestrutura física edificada da cidade de Colatina apresenta um suposto afastamento de seus cidadãos com o grande corpo d’água – O Rio faz parte da paisagem, sem nenhum tipo de apropriação pela população –, este afastamento tem relação direta no abandono da manutenção de um elemento natural de proporções monumentais que sofreu por décadas com o desmatamento de suas margens, assoreamento e poluição de suas águas, e que teve um colapso ambiental

BETWEEN RIVER AND CITY: AN EXAMINATION OF THE GROWTH OF COLATINA AND THE DECLINE OF THE DOCE RIVER

ABSTRACT: The boundary between the Rio Doce River and the built physical infrastructure of the city of Colatina exhibits a supposed distancing of its citizens from the vast body of water – the river is part of the landscape, without any form of appropriation by the population. This detachment is directly related to the neglect of a natural element

of monumental proportions that has suffered for decades from deforestation of its banks, sedimentation, and pollution of its waters, and which experienced an environmental collapse following the Samarco mining disaster in 2015. The current research project “Between River and City: A Look at the History of Colatina and the Decline of the Rio Doce” defines itself as a bibliographical and exploratory study aimed at emphasizing the urgent need for environmental care to restore the sense of ownership of the Rio Doce by the urban population of Colatina throughout its development. The results highlight the importance of considering environmental issues in urban management and urban planning.

KEYWORDS: Architecture, Urbanism, Waterfronts, Appropriation

1 | INTRODUÇÃO

Grande parte das cidades surgiram às margens de rios, que enquanto objeto estruturador para malha urbana, eram utilizados como fonte de recursos para consumo e agricultura, serviam como meio de acesso, importantes para as trocas comerciais, economia e sobrevivência. A importância do rio em relação a cidade e sua infraestrutura é um fato indiscutível, porém, a forma com que ela, a cidade, se desenvolve pode variar bastante ao longo de cada processo.

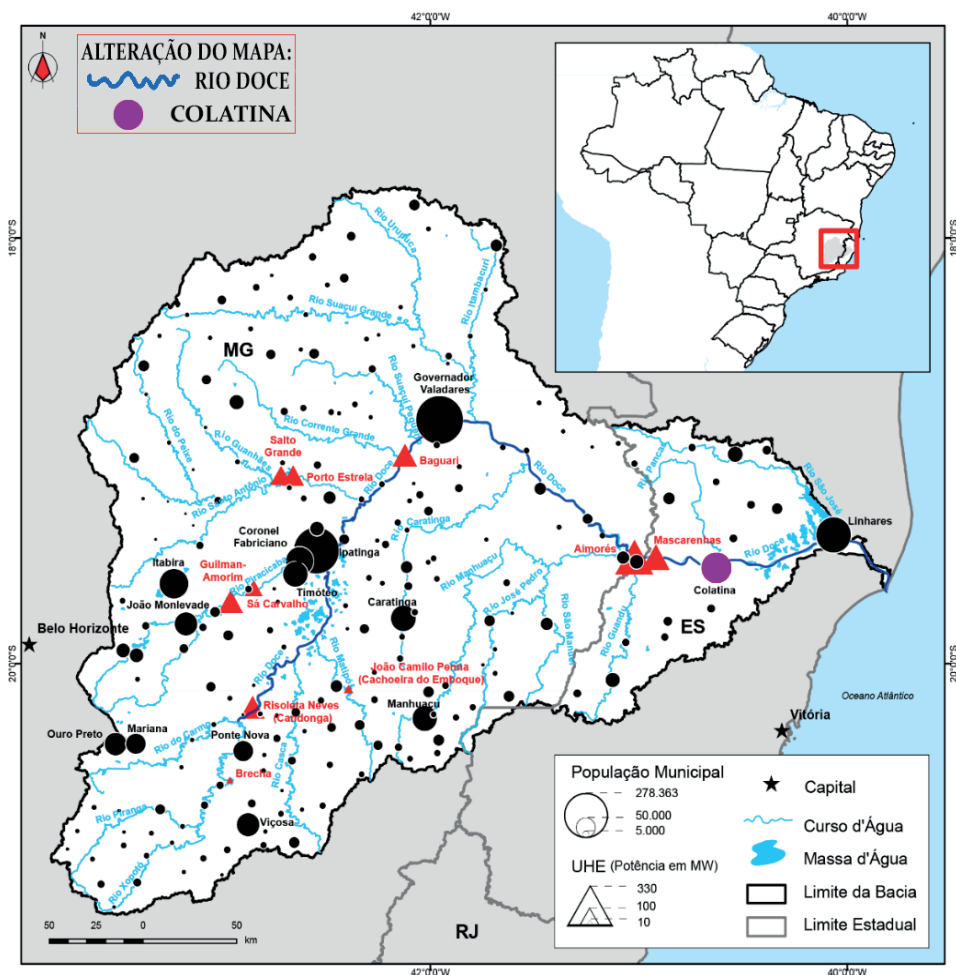


Figura 1 - Localização da Bacia do Rio Doce “adaptado pelo autor”

Disponível em: Encarte Especial sobre a Bacia do Rio Doce: Rompimento da Barragem em Mariana/ MG. Conjuntura dos Recursos Hídricos do Brasil. Informe 2015

Acesso em: 27 ago. 2021

O Rio Doce (ver figura 1), importante afluente da bacia hidrográfica da região sudeste, atende de forma hídrica a 26 cidades, destaca-se dentre elas Ouro Preto (74.824 habitantes), Linhares (179.755 habitantes), Governador Valadares (282.164 habitantes), e como área de estudo abordada, Colatina (122.499 habitantes).

Colatina, situada no noroeste do Espírito Santo, e com uma população de aproximadamente 122.000 habitantes (IBGE de 2022), é uma cidade que desempenha um papel vital como um centro regional, oferecendo serviços de saúde, educação e infraestrutura para a população local e para os municípios circundantes, exercendo uma influência significativa. No início de sua formação em meados do século XIX, o rio Doce

era um elemento vivo, parte integrante da dinâmica social da cidade que ali se estabelecia. Ao longo dos processos de crescimento, sobretudo com o desenvolvimento acelerado da industrialização em Colatina entre as décadas de 70 e 80 e das cidades limítrofes com o rio, impactaram bruscamente em sua poluição, local onde as empresas despejavam seus lixos e produtos químicos. Como citado no Diagnóstico de Colatina desenvolvido pelo Instituto Jonas dos Santos Neves (1977), de modo contíguo, o desmatamento para implantação da agricultura e o assoreamento do Rio Doce, já eram assuntos tratados de modo preocupante como uma provável alavanca para sua destruição. À medida que Colatina, como cidade núcleo, se desenvolvia, sua rede metropolitana se desenvolvia também; sendo modelo, seu uso irregular da terra era refletido na estruturação das cidades vizinhas.

Apesar da relação íntima atrelada a identidade das cidades em suas margens, especialmente em Colatina, aos poucos o crescimento desordenado, a exploração sem limites de seus recursos e a poluição da cidade, e dos esgotos despejados ao rio, tiveram como consequência a transformação drástica da paisagem e o sentimento de desapropriação da população de Colatina com o Rio Doce, que teve sua morte anunciada após o desastre da mineradora Samarco em 2015, um dos maiores desastres ambientais brasileiro, o rompimento da barragem em Mariana, resultando na morte de 19 pessoas, afetando a vida dos moradores próximos e cidades que dependiam do seu consumo, além do impacto ambiental causado ao longo do rio.

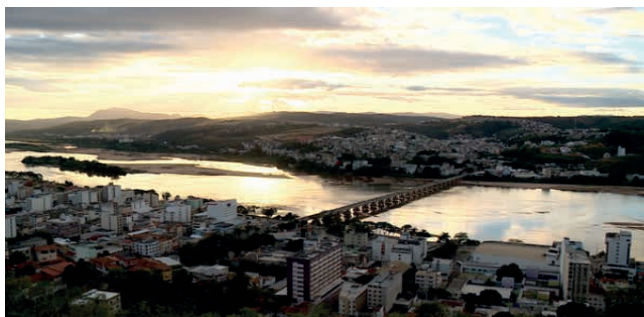


Imagem 1 - Ponte sobre o Rio Doce, Colatina, ES

Fonte: <https://midias.agazeta.com.br/2021/07/13/colatina-100-anos-de-uma-vila-a-maior-cidade-do-noroeste-capixaba-557384-article.png>

Acesso em: 29 ago. 2021

O rio apesar de presente na paisagem, quando alterado pelo homem, movido pela ideia de progresso atrelada ao domínio da natureza e na necessidade de sua exploração para sobrevivência ignorando as questões ambientais, se torna distante e pouco acessível em sua estrutura física urbana, refletindo de forma negativa na cidade, população, na pesca, lazer, saúde, entre outros. Tendo em vista os impactos causados pela falta de cuidado de um elemento tão marcante e importante ao longo dos anos, o presente estudo

trata das questões relacionadas a dinâmica social, o desenvolvimento da área urbanizada de Colatina e sua relação de apropriação com Rio Doce ao longo da história.

2 | RIO DOCE *VERSUS* COLATINA

Segundo Marco Antônio Tavares Coelho (2011) o Rio Doce foi registrado pela primeira vez em 13 de dezembro de 1501, quando ainda era denominado pelos índios como *Watu* (“rio Doce” na linguagem *krenak*). O autor explica que o Rio Doce era destacado pelos naturalistas, que viam nele um bom caminho para penetrar a região das minas de ouro e diamantes. Na tentativa de sufocar o envio ilegal do ouro de Minas e evitar invasões estrangeiras, seu vale foi bloqueado durante 300 anos e classificado como área proibida, o que impactou diretamente no desenvolvimento do estado do Espírito Santo.

Por volta dos anos de 1816 a 1822, o naturalista Auguste de Saint-Hilaire¹(1833), em viagens de estudos ao Brasil pelas margens do Rio Doce, no Espírito Santo, descreve suas características. Segundo o autor, só depois de receber as águas do Piranga que ele, o rio, toma o nome de Rio Doce verdadeiramente. Em Mariana, seu nome passava para Ribeirão do Carmo e em Vila Rica, Ribeirão do Ouro Preto, as cabeceiras do Rio Doce (ver figura 1). O autor relata como o Rio Doce era temido, quase inavegável, sua foz possuía um banco de areia que se alongava pela parte sul, e nos lugares em que mais se estendia tinha o dobro da largura do Reno². Mesmo nas marés altas, apenas embarcações pequenas ou barcos de fundo chato conseguiam entrar pela foz. Seu leito obstruído pelas lavagens da Província de Minas, atual estado de Minas Gerais, tinha pouca profundidade principalmente em tempos de seca.

Segundo Saint-Hilaire (1833), antes da chegada dos europeus, as margens do Rio Doce eram habitadas por indígenas. As primeiras viagens realizadas, em 1572, foram penosas e não trouxeram riquezas. Em 1695, as primeiras amostras de ouro foram encontradas em Minas Gerais. Depois do acontecimento, os garimpeiros de ouro passaram a explorar as áreas próximas com seus escravos trazidos a trabalho. O Conde de Linhares, a fim de torná-lo navegável isentou de tributos as mercadorias que por ele passassem. A partir de 1819, o governo passou a investir no local para que o comércio e navegação se tornasse mais simples entre as regiões, com desvio de rochedos e escavações nas laterais do rio. O movimento pelo rio passou a ser constante, a exploração regular e o comércio de sal entre Minas e Espírito Santo foram facilitados.

Neste período, os botocudos tornaram-se pacíficos com os luso-brasileiros. O maior empecilho no momento era a insalubridade, causada pelas águas do Rio Doce, e também dos afluentes que nele deságuam, raramente os que desciam por ele não eram atingidos por doenças da fauna, como a malária.

1 Naturalista europeu atraído pelas características do Brasil

2 O autor se refere a um importante rio que atravessa a Europa de norte a sul, continente de sua origem

Saint-Hilaire (1833) prossegue descrevendo o rio como majestoso, que entre as espessas florestas em suas margens planas a completa calma reinava, tais florestas impediam a ação do sol e a evaporação das águas³ e isso oferecia riscos à saúde, os viajantes não podiam passar as noites em suas pirogas (canoas) e nem mesmo dormir na margem do rio, este com 3 ou 4 pés de profundidade e que nas estações das chuvas aumenta de forma considerável. Sain-Hilaire, A. (1833) acentua que quase na foz suas águas são muito doces e podem ser bebidas, mas na época das chuvas se torna carregada de limo avermelhado, resíduos da mineração da Província de Minas⁴, apesar disso, as margens do Rio Doce eram férteis. O autor exalta as margens do rio dizendo que “Talvez, não exista, região mais favorável aos estabelecimentos da agricultura que a parte das margens do Rio Doce vizinha ao mar” (SAINT-HILAIRE, 1833), além disso, agora o rio fornecia um meio fácil de exportação.

No século XIX, a tentativa de povoar as regiões foi através do envio de camponeses espanhóis e a chegada de mineiros. Para o IJNS (1877), o aumento do movimento comercial pelo rio, o surto cafeeiro, a abundância de recursos naturais e a distribuição de terras pelo governo impulsionaram a colonização da região. Em 1857, colonizadores fundaram a Colônia Fransilvânia às margens do Rio Doce, entre os rios Pancas e São João, mas enfrentaram conflitos com os indígenas e após a morte de vários colonos, se renderam. Os Botocudos resistiram por um tempo, mas com a invasão de suas terras e contato frequente com os colonos, acabaram se integrando ou recuando para o interior de Minas Gerais.

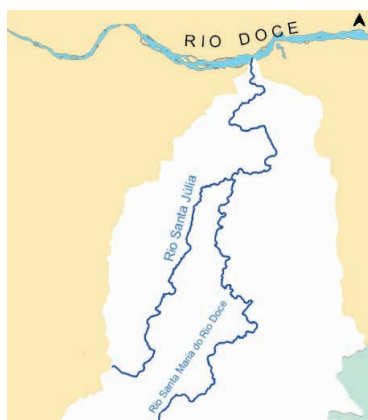


Figura 2 - Bacia Hidrográfica do rio Santa Maria do rio Doce “adaptado pelo autor”

Fonte: Mobilização social para produção de água e conservação de solo na bacia hidrográfica do Rio Santa Maria do Rio Doce no estado do Espírito Santo

Aliamar Comério, Vera M^a Carreiro Ribeiro

Acesso em: 05 set. 2021

³ Compreende-se que pelo naturalista ser do século XIX, acreditava que a evaporação das águas era perigosa

⁴ É importante ressaltar que a mineração do século XIX impactava menos negativamente do que a atual forma de mineração

Colatina foi povoada tardiamente devido aos incentivos maiores em povoar as terras do norte. Em 1888, a colônia de Santa Leopoldina se expandiu pelo Rio Santa Maria (ver figura 2), ainda em 1899 os assentamentos populacionais eram mais densos ali, denominado como Barracão de Santa Maria. Na estreita faixa plana próxima ao Rio Doce, ao Sul, o centro comercial de Colatina Velha se erguia, recebendo os frutos de produção da região, o Rio Doce servia como meio de contato com a cidade de Linhares. Com o desenvolvimento econômico, o povoado foi elevado à categoria de distrito com o nome de Colatina no mesmo ano.

De acordo com o IJSN (1977), em 1906, a construção da estrada de ferro impulsionou o desenvolvimento acelerado de Colatina, tornando-a importante na economia do estado e levando a expansão ao longo da linha férrea (imagem 2). Com a comunicação direta com a capital, Vitória, Colatina superou Linhares como centro comercial de importância. Em 1907, Colatina se tornou sede do município de Linhares, levando o aparato legislativo e judiciário para a cidade, desempenhando funções além de seu papel comercial. Como consequência, o desenvolvimento desordenado resultou na invasão das florestas pelos colonizadores, que extraíam madeira das terras.



Imagem 2 - Linha de trem onde atualmente é a Av. Getúlio Vargas

Fonte: Arquivo Público Municipal de Colatina. Afrânio Serapião de Souza

Acesso em: 05 set. 2021

A ponte Florentino Avidos foi construída em 1928 para ultrapassar os limites do Rio Doce e facilitar a construção da estrada de ferro ao norte. Embora nunca tenha sido concluída para este fim, a ponte se tornou o principal elo para a colonização da região norte. De acordo com o IJSN (1977), devido à falta de tráfego ferroviário e ao aumento do fluxo de pessoas na região, foi modificada para permitir a passagem de pedestres e automóveis.

Paralelo ao desenvolvimento de Colatina, conforme Coelho (2011), em 1930, houve um acordo para usar carvão vegetal no estado devido aos recursos florestais disponíveis,

mas grande parte do desmatamento foi ilegal. O uso de carvão aumentou com a expansão industrial, porém, o reflorestamento não acompanhou o ritmo, sendo substituído pela plantação de eucalipto. Processo que se tornou uma das origens dos complexos problemas ambientais no Brasil, juntamente com a ação rural.

Coelho (2011) apresenta as palavras do presidente da província, Manoel Ignácio de Melo e Souza, que escreveu ainda no ano de 1832 que “a produção de ferro da região, apesar de importante para riqueza nacional, não prosperaria se alguma providência não fosse tomada diante da destruição das matas”. Em 1º de junho de 1942, foi criada a Companhia Vale do Rio Doce pelo presidente Getúlio Vargas, sua trajetória é de crescimento rápido e sucesso, sendo a maior produtora e exportadora de minério de ferro no mercado mundial.

Segundo Coelho (2011) a Vale participou de um grupo de empresas estatais que tinham como objetivo o desenvolvimento do Brasil, na época em que a mineração, a siderurgia e o petróleo eram atividades básicas na estratégia do país. Com a crise nas correntes de esquerda e a ofensiva ideológica das teses do neoliberalismo, a Vale foi privatizada em um leilão realizado na cidade do Rio de Janeiro, em 1997. Quando construída a empresa tornou-se bem lucrativa em sua área, foi esperado que colaborasse para o desenvolvimento nas regiões de mineração, todavia, não houve o retorno que ela deveria e poderia dar as regiões, pelo contrário, colaborou para decadência da agropecuária e não teve providências para enfrentar os problemas ambientais graves como a poluição do Rio Doce e a desertificação das áreas de sua bacia.

Segundo o IJSN (1977), somente em 1945 Colatina é desmembrada de Linhares. Com potencial para o crescimento, é vista como cidade estratégica ou núcleo, escolhida para conquistar novas regiões, atraindo e influenciando a estruturação das cidades vizinhas, chegando a impactar até as regiões de Minas.

Ao Norte, o bairro São Silvano, que teve o crescimento acelerado e grande concentração de serviços, passou por uma reforma em 1951. Paralelo ao rio, formou-se o bairro Maria das Graças, que na época possuía pequenas indústrias não poluentes, uma certa concentração de residências e posteriormente, em 1960, a criação da FAFIC - Faculdade de Filosofia, atual Faculdade Castelo Branco, importante para o crescimento e desenvolvimento no setor da educação.

O IJSN (1977) afirma que o primeiro plano urbanístico de Colatina surgiu em 1953, grande parte de suas propostas não foram efetivadas, como a prévia da construção do cais do Rio Doce, a reserva de área marginal do rio, para futura avenida, jardim público, e estação rodoviária que só veio a ser construída em 1972.

No lado oposto a correnteza do rio, com grande tendência ao desenvolvimento, fica o bairro Honório Fraga, que com a construção do frigorífico FRISA na mesma década e o aumento das fábricas de móveis e confecções, especialmente nas décadas de 1970 e 1980 contribuíram como uma vertente de crescimento (imagem 3).



Imagem 3 – Implantação do FRISA no bairro Honório Fraga.

Fonte: <https://frisa.com.br/linha-do-tempo/>

Acesso em: 23 nov. 2021

O IJSN (1977) informa que em 1975, a retirada dos trilhos do centro da cidade deu lugar a atual avenida central, Getúlio Vargas, com ruas transversais e paralelas, algumas indo até a margem do Rio Doce. Esse desenvolvimento impulsionou o povoamento, resultando na construção de edifícios comerciais, arborização da antiga via dos trilhos e na inauguração da Praça Municipal. No entanto, não houve medidas específicas para preservar o Rio Doce.

Os autores afirmam ainda, que Colatina, em 1977 sofria consequências da imigração rural, que pela escassez de mão de obra, as pessoas vindas de fora não tinham possibilidade de voltar, se fixando em favelas existentes em relevos acidentados e áreas menos valorizadas.

Além disso, conforme Cuquetto et al (2017) é instituída a Fundação Gildasio Amado e criada a Faculdade de Direito de Colatina – FADIC, anteriormente instalada no Colégio Marista, e que assume sede própria no bairro Martineli em 1980, atualmente conhecida como UNESC (imagem 4), atraindo um fluxo mais elevado de pessoas nos bairros vizinhos, causando grande impacto para educação de Colatina e das cidades vizinhas.



Imagem 4 – A nova sede da FADIC, no Bairro Martinelli

Fonte: Pergentino de Vasconcellos: Trajetória de uma vida

Acesso em: 21 nov. 2021

Colatina teve um forte crescimento populacional e se tornou o aglomerado urbano mais importante da região, atraindo um grande fluxo de pessoas das comunidades vizinhas em busca de serviços de saúde, comércio e educação.

Albani, Assis (2020) destacam entre os anos 2000 e 2012, a produção de loteamentos é a vertente mais relevante, com loteamentos e condomínios do programa Minha Casa Minha Vida (MCMV) mais distantes do centro da cidade (ver figura 3).

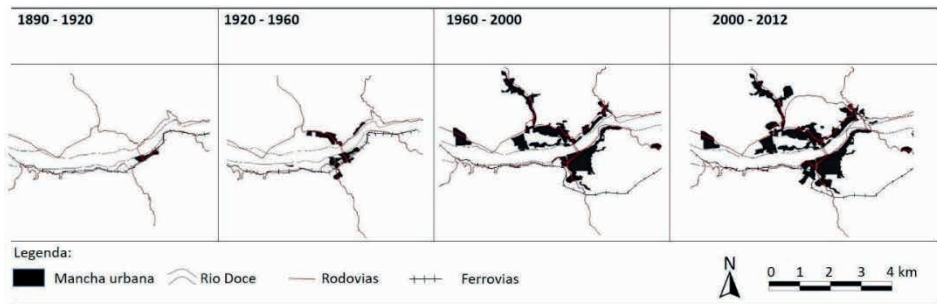


Figura 3 - Mapa da expansão da cidade de Colatina

Fonte: Prefeitura Municipal de Colatina (PMC). Elaboração: Vivian Albani; Leandro Camatta de Assis

Acesso em: 23 nov. 2021

O mapa mostra a expansão de Colatina em duas direções, com ligação direta entre o urbano e o Rio, uma na orla Sul e a outra linha de expansão pela orla Norte, que se diferenciam na forma como são ocupadas (ver figura 3).

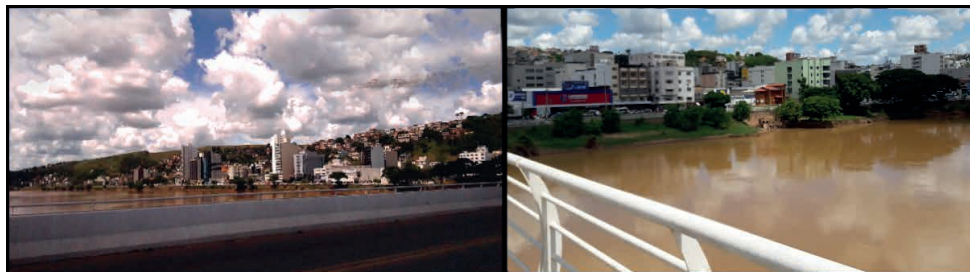


Imagem 5 – Orla Sul

Fonte: Acervo pessoal. Data: 05 dez. 2021

A primeira, ao Sul, sendo o início da cidade no século XIX, possui uma área pública com grama, conhecida popularmente como calçada, com caminhos e algumas poucas árvores e palmeiras (imagem 5). Esta, é produto de um aterro (iniciado em 2005) que modificou as margens do Rio Doce, que atualmente concentra atividades esportivas e possui uma grande área para eventos da cidade. Logo após, há quatro avenidas segmentadas (Av. Pref. Luiz Zouain, Av. Sen. Moacyr Dalla, Av. Pref. José Zouain e Av. Delta), que separam a faixa de área pública ligada ao rio das primeiras construções que moldam a malha construída da cidade ao Sul.



Imagem 6 – Orla Norte

Fonte: Acervo pessoal. Data: 05 dez. 2021

A segunda linha de expansão, também se desenvolveu sem um plano urbanístico adequado, resultando em construções extremamente próximas ao Rio Doce e em áreas acidentadas, sem nenhuma proteção contra possíveis inundações (imagem 6). Os fundos dos lotes são encontro com o rio e a pequena faixa de mata, Só depois das construções fica a principal rua do bairro Nossa Senhora Aparecida, Fioravante Rossi para o oeste e a Av. Brasil para o leste, com pequenas áreas vegetadas. Ambas expansões ocuparam as áreas onde deveriam estar localizadas as matas ciliares entre o Rio Doce e a cidade. Como resultado, essas áreas sofrem com as cheias e agravam os riscos de impactos ambientais. É importante citar duas grandes enchentes que causaram séria destruição em várias

idades, incluindo Colatina, nos anos de 1979 e 2013, conforme o Site de Linhares (2013), levando à realocação de moradores e deixando um temor persistente.

O autor Coelho (2011) destaca que o Rio Doce se tornou centro da vida econômica do Brasil devido às atividades de mineração, siderurgia, papel, celulose, reflorestamento e agropecuária realizadas em suas margens. O vale comanda a produção industrial de Minas Gerais e é líder das exportações brasileiras de aço, bom desempenho na produção de café e celulose, com a maior exportadora mundial de minério de ferro. Ele menciona a importância da indústria siderúrgica pesada e da trajetória da Companhia Vale do Rio Doce na região. No entanto, destaca que essas atividades também causaram danos ambientais significativos, incluindo a derrubada da Mata Atlântica e a poluição do Rio Doce por empresas como a Belgo-Mineira, ARBED e Usiminas, responsáveis por diversos crimes e impactos ambientais, que afetaram negativamente várias cidades na região, e que só nos últimos anos tomou providências para diminuir esses índices. Tais investimentos foram importantes para a economia brasileira, porém foram fatais para o Rio Doce e diversas cidades limítrofes.

No dia 5 de novembro de 2015 rompeu em Mariana, Minas Gerais, a barragem do Fundão, pertencente a mineradora Samarco S.A. Segundo Bruno Milanez e Cristiana Losekann (2016), além das perdas materiais e ambientais, a tragédia relacionada as vidas humanas perdidas e envolvidas, foi um dos principais agentes mobilizadores nos dias após o rompimento. A incapacidade do Estado em atender aos serviços que deveriam ser prestados só aumentou o desespero das vítimas. Investigações realizadas pela Polícia Civil de Minas Gerais e Pela Polícia Federal levantaram fatos suficientes para classificar tal acontecimento como o maior crime ambiental do Brasil envolvendo a mineração, resultando na morte de 19 pessoas, dois distritos de Mariana destruídos, milhares de hectares de plantio impactados de forma irreversível, milhares de comerciantes e pescadores sem trabalho, mais de 1 milhão de pessoas atingidas, diversas cidades sem água potável por semanas e todo o Rio Doce comprometido e destruído (imagem 7).



Imagem 7 - Animais foram mortos após a chegada da lama pelo leito do Rio Doce

Fonte: <https://g1.globo.com/minas-gerais/desastre-ambiental-em-mariana/noticia/2015/11/lama-lagrimas-e-morte-jornada-de-fotografo-no-rio-doce.html> (Foto: Instituto Últimos Refúgios via BBC)
Acesso em: 30 nov. 2021

Imagem 8 - Rio Doce após desastre ambiental de 2015, Governador Valadares.

Fonte: <https://minasfazciencia.com.br/wp-content/uploads/2016/01/rio-doce.jpg>
Acesso em: 29 ago. 2021

Conforme descrito o site do IEMA, o estado agiu com o intuito de resgatar a fauna, alargou a foz do Rio Doce para forçar o escoamento mais rápido dos sedimentos e continua com algumas ações mínimas. O desastre fez com que o rio necessitasse de monitoramentos periódicos através de coletas. Afetou tanto a fauna e vida local, quanto outros fluentes próximos. Se fez necessário permitir obras de grande impacto, como barragens físicas com o intuito de evitar o direcionamento da lama tóxica para mais áreas. Os danos causados são imensuráveis ao longo da bacia. É suposto pensar que talvez se o rio não fosse tão modificado pelo homem de forma negativa, o escoamento da lama tóxica e sua recuperação seriam mais rápidos. Além disso, tal fato foi o gatilho final para que a cidade perdesse o sentimento de apropriação pelo Rio Doce. O que antes passava despercebido, agora é lembrado como um dos maiores desastres ambientais do país, tendo uma trajetória que o levava continuamente a esse fim, desde as formas mais simples de ser ignorado como um elemento presente na paisagem, até o rastro de destruição que o acompanha por todo vale até hoje.

3 | CONCLUSÃO

O Rio Doce, desempenhou um papel crucial no desenvolvimento da cidade de Colatina e das regiões circundantes. Inicialmente, o rio era visto como um recurso valioso, um caminho para explorar as riquezas naturais da área, incluindo minas de ouro e diamantes. No entanto, ao longo dos anos, a relação entre a cidade e o rio passou por mudanças drásticas. A população cresce às margens do Rio Doce, possui sua

economia impulsionada pelo grande corpo d'água, adere-o no espaço como elemento estruturador para se desenvolver, porém, se torna impulsionadora de sua destruição. A falta de plano urbanístico adequado que levasse em consideração o suporte estruturador do rio e conciliasse o crescimento urbano com os aspectos naturais com algum senso de preservação, levou à ocupação desordenada das margens do Rio Doce, ao explorar seus recursos sem limites, transformado em principal meio para escoamento dos esgotos, seus lixos, produtos químicos e o deixando como elemento secundário na paisagem resultando em áreas vulneráveis a inundações e impactos ambientais significativos.

A acidentada topografia de Colatina fez com que a malha urbana se estendesse pela borda do Rio Doce, foram se ocupando as áreas mais inclinadas, trazendo problemas para o crescimento, uma vez que nesse momento as edificações ainda não enfrentavam o relevo inclinado. O desmatamento, o assoreamento e a poluição causados pela industrialização e exploração desordenada dos recursos naturais transformaram o Rio Doce, um elemento vivo e vital, em uma paisagem negligenciada, forma comum entre as cidades que tinham um desenvolvimento semelhante.

Em toda a extensão do rio, as histórias de desenvolvimento das cidades se assemelham ou repetem. A destruição foi maciça e a justificativa foi o progresso, poucas foram as advertências para essas atitudes. Apesar da relação íntima atrelada a identidade das cidades em suas margens, especialmente em Colatina, aos poucos, tiveram como consequência a transformação drástica da paisagem e o sentimento de desapropriação da população de Colatina para com o Rio Doce. A tragédia de 2015, causada pelo rompimento da barragem da mineradora Samarco, representou o golpe final na relação entre a cidade e o rio. O Rio Doce, outrora uma fonte de vida e recursos, agora lembrado como um dos maiores desastres ambientais do Brasil.

O Rio Doce enfrenta desafios significativos em sua recuperação. A degradação ambiental, a perda de biodiversidade e a contaminação persistem ao longo de seu curso. A cidade de Colatina, agora enfrenta o desafio de reconciliar seu passado com a realidade atual. À medida que negligenciarmos a importância da preservação da natureza, enfrentaremos um aumento nas enchentes, deslizamentos e perdas de vidas. É de suma importância que uma cidade se integre harmonicamente ao meio natural, reconfigure a relação de desenvolvimento sustentável para recuperação de seu rio, considerando os inúmeros ganhos significativos na qualidade dos espaços e salubridade, desfrutando da valorização do desenho urbano com a conexão do homem com a natureza e conseqüentemente a melhoria da saúde física e mental, preservação da qualidade da água, e a segurança pública.

A história do Rio Doce e sua relação com Colatina destacam a importância de uma abordagem equilibrada e sustentável ao desenvolvimento urbano e à gestão de recursos naturais. A cidade e suas comunidades vizinhas precisam buscar soluções que promovam a preservação do rio, ao mesmo tempo em que atendam às necessidades de crescimento e

desenvolvimento econômico. A recuperação do Rio Doce e a restauração de sua importância na vida da cidade requerem ações coordenadas, investimentos em conservação e conscientização ambiental para garantir um futuro mais saudável e sustentável para todos.

REFERÊNCIAS

ALBANI, Vivian; CAMATTA, de Assis. **A forma urbana e a produção do espaço:**

um estudo sobre a expansão urbana de Colatina, ES. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKewiFgpyisy_2AhUcp5UCHdMDcAQFnoECAYQAQ&url=https%3A%2F%2Frevista.fct.unesp.br%2Findex.php%2Fcpq%2Farticle%2Fview%2F6652&usq=AOvVaw1HSOCi33N2a7VMYHOGvI77> Acesso em: 20 ago. 2021

COELHO, Marco Antônio Tavares. **Rio Doce: A espantosa evolução de um vale.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

CUQUETTO, Bento Tadeu, et al. **Pergentino de Vasconcellos: Trajetória de uma vida.** Centro Universitário do Espírito Santo. Colatina-ES: Editora UNESC, 2017.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. **Panorama.** Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/es/colatina/panorama>> Acesso em: 20 mar. 2023

IEMA, Instituto de Meio Ambiente e Recursos Hídricos. **Desastre Ambiental do Rio Doce.** Disponível em: <<https://iema.es.gov.br/historico>> Acesso em: 20 set. 2021

IJSN, Instituto Jones dos Santos Neves. **Diagnóstico de Colatina.** Disponível em: <<http://www.ijsn.es.gov.br/bibliotecaonline/Record/4385>>. Acesso em 20 ago. 2021.

MILANEZ, Bruno; LOSEKANN, Cristiana. **Desastre no vale do Rio Doce: Antecedentes, impactos e ações sobre a destruição.** Rio de Janeiro: Fólio Digital: Letra e Imagem, 2016.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem ao Espírito Santo e Rio Doce.** Belo Horizonte-MG: Garnier, 2020.

Site de Linhares. **Relembre por fotos a enchente em Colatina em 1979.** Disponível em: <<https://www.sitedelinhares.com.br/noticias/geral/relembre-por-fotos-a-enchente-em-colatina-em-1979>> Acesso em: 25 Abr. 2023